

Serge Abramovici (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Serge Abramovici "A imagem Contra o Imaginário", in *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 5 (2006). ISSN 1645-958X.

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

As "artes" assumem a função de propor uma organização *harmoniosa* dos elementos – visuais, sonoros, gestuais ou outros – com que trabalham. A sua referência é de ordem *supra-humana* – anjos e pássaros ou coros na música, voo ou salto de animal na dança, espectro do arco-íris derramado sobre uma paisagem ou sobre um rosto na pintura, etc. Nesse sentido, a obra de arte rejeita o trivial, substituindo-o por um universo "*afinado* pelo diapasão do desejo". A arte é portadora de recusa e de esperança, desagua na *necessidade* de outro mundo. A arte é pois veículo concreto da utopia. Desse ponto de vista, nem tudo é arte. A fotografia, em particular, está sujeita, ainda que de forma inquieta e interrogante, mesmo deformando ou embelezando, à reprodução do real, na sua tenaz opacidade. A fotografia documenta, dá conta da *mortalidade* das coisas. Preserva o que foi. Ignora o tempo futuro e não pode transmitir esperança; no melhor dos casos, exprime uma *verdade*. Como diz Jean-Luc Godard, "o cinema é vinte e quatro vezes a verdade por segundo". Assim, na sua essência, o cinema nem é arte, nem é utopia.

No plano da sua existência prática – modo de produção e realização – também não. O cinema, desde a sua origem, alimenta-se das outras artes, em especial da literatura e da música, pontualmente da pintura. Mas funciona de modo *ilustrativo*: os filmes estão para os textos que adaptam como as imagens para os livros infantis. A utilização da música desvia a linguagem musical do seu *espaço* próprio, associando-a a uma paleta emocional primária: "A Sagração da Primavera" e as cavalgadas dos westerns, «Zaratustra» e a manifestação da mão divina, já para não falarmos dos subprodutos musicais indispensáveis ao suspense, ao terror, etc. O cinema que, a existir como arte, seria uma arte do *tempo*, passa sistematicamente por uma etapa de fixação no papel, a qual, ao contrário da partitura musical, indica apenas elementos relativos à acção e ao drama e não aos enquadramentos concretos ou aos seus ritmos. Por último, enquanto espectáculo de massas, a criação cinematográfica depende mais do que qualquer outra do "box-office", dos gostos de um público que busca o descanso, o *divertimento* na aceção de Pascal, e não a emoção artística.

Por outro lado, o espectáculo cinematográfico desempenha determinadas funções sociais de propaganda ideológica e de *standardização* dos costumes: introdução dos "blue jeans" em 1944 na Europa, "design" do lar e lugar dos electrodomésticos no espaço doméstico nos anos 50, reforço da paranóia securitária na viragem do século, etc. A própria ficção científica no cinema se apresenta mais como uma parábola do estado presente do que como uma especulação sobre o futuro.

Ao longo de todo o século XX, o cinema constituiu a *memória* do mundo, do seu estado como dos seus sonhos. Mas estes últimos foram sempre encenados rumo a um insucesso final, a um regresso ao "princípio de realidade" – quer se trate da sequência final em *The Kid*, de Charles Chaplin ou da sequência central de *Singing in the Rain*, de Stanley Donen. No fim do contas, se o cinema contribuiu para a difusão de uma utopia, essa será seguramente a do *amor*, através da modernização dos contos de fadas – e pela evacuação do corolário dos inúmeros filhos a dar à luz.

A grande utopia literária e pictórica do século XX terá porventura sido o surrealismo, com a sua pretensão de *colectivizar* o privilégio da escrita, via escrita "automática", e da expressão em geral. Ora, o cinema surrealista nunca chegou a existir, porque o modo de fabrico de um filme transgredia o preceito de não especialização imposto pelos dirigentes do movimento. Do ponto de vista teórico ou estatístico, não contam para nada os poucos cineastas – há sempre loucos e utopistas em todos os domínios da actividade humana – que implementaram uma outra forma de produção e que se colocaram verdadeiros problemas estéticos e ideológicos – as duas vertentes estão ligadas –, isto é, artísticos no sentido de atribuírem uma função *libertadora* ao espectáculo cinematográfico.

Agora que o digital democratizou os meios de produção das imagens em movimento, que os filmes – mesmo em suporte digital – poderiam assumir uma função social outra, assistimos à multiplicação dos subprodutos televisivos "homemade". O cinema, cujo princípio e cuja identidade assentam numa ampliação desmedida da imagem, tem os seus dias contados e não tardará a ser absorvido pela gigantesca máquina mediática do audiovisual. Não soube cumprir as promessas que os

pioneiros da “sétima arte”, criadores e utopistas, lhe supuseram. Que ninguém chore pois a sua morte.